

# Português Brasileiro falado, abordagem multissistêmica e aspecto verbal

Ataliba Teixeira de CASTILHO<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ex-Professor Titular da Universidade Estadual Paulista (Unesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade de São Paulo (USP). Professor Emérito da Universidade de São Paulo (USP). Ex-Presidente do GEL, da ABRALIN e da ALFAL. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasi

| [atalibacastilho37@gmail.com](mailto:atalibacastilho37@gmail.com) | <https://orcid.org/0009-0007-8695-3708>

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v22i2.4070>

**Resumo:** Descrevo neste texto o Aspecto verbal na Língua Portuguesa, em que essa categoria não dispõe de categorias próprias. Assim, para expressar o imperfeito, o perfectivo e o iterativo, os falantes lançam mão de categorias da Gramática, do Léxico e do Discurso. Para identificar as categorias aspectuais, vali-me de uma estratégia a que tenho chamado “abordagem multissistêmica das línguas naturais”. Indo por aqui, é possível identificar três aspectos verbais: o imperfeito, o perfectivo e o iterativo, e seus subtipos. Este trabalho tem um caráter descritivo, o que não exclui um tratamento diacrônico do tema.

**Palavras-chave:** Português Brasileiro. Sintaxe. Aspecto verbal. Abordagem multissistêmica.

---

## **Brazilian Portuguese, Multissystemic approach, Verbal aspect**

**Abstract:** This paper describes verbal aspect in the Portuguese language, a category that lacks its own dedicated morphological markings. Thus, to express the imperfective, perfective, and iterative, speakers resort to grammatical, lexical, and discursive categories. To identify these aspectual categories, I have employed a strategy I call a “multisystemic approach to natural languages.” Through this framework, it is possible to identify three verbal aspects – imperfective, perfective, and iterative – and their subtypes. This work is descriptive in nature, which does not preclude a diachronic treatment of the subject.

**Keywords:** Brazilian Portuguese. Syntax. Verbal aspect. Multisystemic approach.

### **| Apresentação: estudos sobre o Português Brasileiro falado e a formulação da Abordagem multissistêmica**

A partir do final dos anos 1960, grupos de pesquisadores afiliados a universidades espalhadas pelo mundo ocidental se engajaram na tarefa de constituir, transcrever e descrever *corpora* de língua falada (LF).

Pela primeira vez, a Linguística pôs em marcha um programa sistemático de investigações sobre a oralidade. Em toda a sua história, a reflexão linguística sempre esteve atravessada pela ideia de que a LF é a manifestação primordial da linguagem e seu objeto primeiro de estudos. Mas esses belos propósitos só

punderam se transformar em análises efetivas depois de uma circunstância um tanto banal, que foi a invenção do gravador portátil.

Surgiram então vários projetos de pesquisa, que tomaram a língua falada como seu objeto específico.

Em Portugal, lembrem-se o Projeto do Português Fundamental, conduzido de 1970 a 1987 pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

No Brasil, entre outros, o *Projeto NURC*, desde 1970, cuja equipe paulista coordenei de 1970 a 1985, juntamente com Isaac Nicolau Salum e Dino Preti.

A seguir, apresento um breve relatório sobre esses projetos.

## **1. Projeto de Estudo da Norma Urbana Linguística Culta (1970-1988)**

Da Dialetoлогия que poderíamos adjetivar de “rural”, Nelson Rossi (Universidade Federal da Bahia) se voltou para a “Dialetoлогия Urbana”, ecoando proposta de Juan M. Lope Blanch, da Universidad Nacional Autónoma de México.

Lope Blanch havia concebido um grande projeto de documentação e descrição da língua culta falada em várias capitais da América Espanhola: Lope-Blanch (1964 / 1967, Org. 1984, 1986). Informado disso, e não sabendo que iniciativas estavam sendo tomadas pelo Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas (PILEI) para trazer esse projeto ao Brasil, apresentei uma proposta semelhante: Castilho (Org. 1970).

O *Projeto da Norma Urbana Linguística Culta*, mais conhecido como Projeto NURC, foi introduzido em 1968 no Brasil por Nelson Rossi, tendo por objetivo documentar e descrever a fala culta praticada em Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Esse projeto constou das seguintes etapas: (1) gravação de entrevistas, (2) transcrição das entrevistas, (3) análise fonológica, morfológica, sintática e léxica dos dados, tendo por roteiro um Guia Questionário. Mais recentemente, os arquivos sonoros desse projeto passaram a ser digitalizados e disponibilizados em diferentes páginas eletrônicas.

Os resultados das fases (1) e (2) foram publicados pelas equipes regionais:

- São Paulo: Castilho e Preti (Orgs. 1986, 1987), Preti e Urbano (Orgs. 1988, 1990),
- Rio de Janeiro: Callou (Org. 1992), Callou e Lopes (Orgs. 1993, 1994), Paiva (Org. 1999),
- Salvador: Motta e Rollemberg (Orgs. 1994),
- Recife: Sá, Cunha, Lima e Oliveira Jr. (Orgs. 1996, 2005),
- Porto Alegre: Hilgert (Org. 1997).

A chegada da fase 3, ou seja, da análise dos dados, trouxe vários problemas, devidos em sua maior parte à novidade do assunto, ou seja, a análise da língua falada, atividade na qual havia pouca experiência até então.

Para orientar esta fase, tinha sido preparado pelos colegas hispânicos um *Guia-Questionário*, a ser observado pelas diferentes equipes. Infelizmente, porém, tal *Guia* não dispunha de uma hipótese sobre a oralidade – tema inteiramente novo, na ocasião –, nem muito menos fundamentava-se numa teoria gramatical nítida, fato que examinei em Castilho (1984 a).

Anteriormente aos primeiros resultados do Projeto NURC, Anthony Naro tinha lançado em 1983 o *Projeto Censo Linguístico do Português do Rio de Janeiro*, a que sucedeu o *Projeto de Estudo de Usos Linguísticos* (PEUL): Mollica (Org. 1987), Oliveira, Silva e Scherre (Orgs. 1996), Macedo, Roncaratti e Mollica (Orgs. 1996), Paiva e Scherre (1999), Paiva e Duarte (Orgs. 2003), Roncarati e Abraçado (Orgs. 2003).

## 2. Projeto de Gramática do Português Culto Falado no Brasil

Como disse no parágrafo anterior, tivemos no Brasil algumas dificuldades na aplicação desse Guia. Propus então, com base nos materiais do Projeto NURC, o *Projeto de Gramática do Português Falado*, que coordenei de 1988 a 2016 (Castilho, 1990, 1994, 1996b, c), o qual tomava outras direções.

Com isso, nos antecipamos aos europeus e aos americanos, coincidindo com os alemães:

- Na Alemanha, foi organizado nos anos 1970 o projeto Alemão Atual (Heutiges Deutsche).
- Nos Estados Unidos, os americanos lançaram o projeto Conversation and Syntax, que repercutiu fortemente no Brasil: Sacks; Schegloff; Jefferson (1974).

- Na Itália, Duranti e Ochs (1979), Nencioni (1983), Parisi e Castelfranchi (1977), Berrutto (1987) e D'Achille (1990) desenvolveram várias pesquisas sobre a oralidade. Sornicola (1981, 1982, 1987) escreveu a primeira obra extensa nesse campo. De Mauro pôs em funcionamento, a partir de 1991, seu projeto *Lessico Italiano di Frequenza* (De Mauro *et al.*, 1992; De Mauro, a cura di, 1994).
- Na França, desde 1987, passou a atuar o Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe, sob a coordenação de Claire Blanche-Benveniste, com forte influência nos estudos brasileiros.

Os ensaios e livros produzidos por esses grupos suscitaram um debate teórico sobre o que é a LF e em que consiste descrever essa modalidade.

Um ponto comum nesses debates parece trazer água para o moinho da Gramática Funcional, entendida como um *modelo do processamento verbal*, pois em sua maior parte os trabalhos aludem ao fato de que os processos documentados na LF são por demais evidentes para que sua descrição se limite à recolha e à classificação de produtos.

Na altura, as análises fundamentadas na teoria clássica foram desafiadas por fenômenos do tipo:

#### (1) Anacoluto

##### a) [Conversa num ponto de ônibus]

Loc. 1 – *mas como está demorando hoje, hein?*

Loc. 2 – *só::... e quando chega... ainda vem todo sujo... fedorento...*

Loc. 1 – *isso sem falar na tarifa... que sobe todo mês...*

Loc. 2 – *... é o tal negócio... sei lá... entende?* (DID RJ 18)

##### b) *Cada um fica mais ou menos responsável por si pelo menos... por si... fisicamente... né? de higiene... de... trocar roupa... todo esse negócio...* (D2 SP 360)

#### (2) Repetição

##### a)

	<i>peixe</i>	
	<i>peixe</i>	<i>aqui no Rio Grande do Sul</i>
<i>eu tenho impressão que se come</i>	<i>peixe</i>	<i>exclusivamente na Semana Santa</i>

(D2 POA 291)

b)

<i>funciona mal</i>	<i>aquele negócio de...</i>	
	<i>aquele negócio de limite de idade</i>	<i>funciona muito mal</i>

(D2 SP 360)

(3) Segmentos epilinguísticos, aqui transcritos em negrito:

a) o *terreiro (...)* é:: *um:: como poderia chamar? um chão...* (DID SP 18)

b) *já há um processo... seria melhor dito... já um processo de análise... já há um exame...* (EF POA 278)

c) *mas então... digamos assim... esse processo de análise poderia...*

(4) Marcadores discursivos, como *mas*, e *então*

Esses fenômenos levantam problemas do tipo:

- Como entender e analisar segmentos cujo tópico não foi lexicalizado, como em (1)?
- Se sintagmas e sentenças são categorias válidas para a descrição sintática, o que fazer com segmentos aparentemente não estruturados, como em (2)?
- As repetições, tão frequentes na língua falada, esconderiam alguma regularidade? Haveria alguma relação entre repetir e organizar os constituintes sentenciais, como em (2)?
- Alguns segmentos interrompem o fluxo da interação, mais parecendo que falamos conosco mesmos, como em (3). O que se aprende com isto, a respeito da construção da linguagem?
- Como analisar os marcadores discursivos? Como classes gramaticais? Como processos de constituição do texto?

Uma busca intensiva por respostas percorre os oito volumes de ensaios da coleção *Gramática do português falado*. Eu mesmo esbocei algumas respostas (Castilho, 1989, 1994, 1997b, 1998b, c). Depois dos textos aí contidos, seguiram-se os sete volumes da gramática em sua fase de consolidação: Jubran (Org. 2015); Ilari (Org. 2014, 2015); Neves (Org. 2016); Kato; Nascimento (Orgs. 2015); Rodrigues; Alves (Orgs. 2015); Abaurre (Org. 2013).

Nos Estados Unidos, Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) mostraram a necessidade de uma gramática da conversação. Ono and Thompson (1994a),

Ford e Thompson (1996), Ochs, Schegloff e Thompson (Eds. 1996) aceitaram esse desafio, focalizando a motivação conversacional das estruturas gramaticais.

Como já mencionei anteriormente, Blanche-Benveniste (1979 *et al.*, 1984, 1985, 1986, éd. 1970, 1997) organizou o Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe (GARS), demonstrando que a transcrição da oralidade cria o objeto de análise. Blanche-Benveniste identificou a biaxialidade da sintaxe da língua falada, o que reformulava a percepção saussureana do eixo paradigmático, agora, um conjunto de expressões em presença.

Do ponto de vista teórico, o GARS defende uma “separação estrita dos níveis e dos planos de análise: [...] a morfossintaxe como ponto de partida [...] deixando intactos o léxico ou o discurso [...]. Exploração máxima do gramatical antes do discursivo, do sintático antes do lexical”: Blanche-Benveniste (Éd. 1990: 6, 36 e 116).

As citações acima lidam com conceitos linguísticos desafiadores, tais como:

- Interface entre as estruturas sintáticas e as estratégias de administração dos turnos conversacionais;
- Análise de processos, e não apenas análise de produtos linguísticos;
- Complexidade;
- Não determinismo;
- Língua como atividade etc.

### **3. Integração da Linguística entre as Ciências dos Domínios Complexos**

É bastante claro que esses linguistas estavam lidando com a propriedade dinâmica da linguagem, que já vinha ocupando a atenção dos cognitivistas. É também muito claro que eles se ocupavam da dicotomia “produção vs. produto”, que cruza com frequência a história da Linguística.

Para considerar os fenômenos linguísticos em seu dinamismo, mostrou-se necessário tomar outra direção, integrando a Linguística entre as ciências dos domínios complexos, que debatem atualmente um conjunto de fenômenos tais como a circulação dos fluidos, a previsão do tempo, as oscilações dos

ciclos econômicos, o crescimento populacional, as proteínas como sistemas em movimento, o funcionamento do cérebro, as relações neuronais etc.

Esses fenômenos não revelam a ordem, a simetria e a elegância esperadas pelas ciências clássicas. Eles são mais bem entendidos como processos criativos frequentemente denominados “caos”, ou sistemas complexos.

A abordagem multissistêmica, de orientação funcionalista-cognitivista, procura dar uma resposta aos quesitos anteriores, definindo-se pelos seguintes postulados: (1) Processos e produtos convivem num mesmo recorte de língua. (2) Processos e produtos linguísticos são multissistêmicos, ultrapassando e englobando os limites da gramática. (3) Um dispositivo sociocognitivo administra os sistemas linguísticos.

Esses postulados são desenvolvidos a seguir. Para entender a língua como um sistema complexo, será necessário operar com eles.

### **3.1. Postulado I: processos e produtos linguísticos convivem num mesmo recorte de língua**

A percepção multissistêmica da língua representa uma resposta aos desafios de descrever a oralidade, tanto quanto uma reação a afirmações que se podem encontrar na literatura sobre gramaticalização.

Contraponho àquelas afirmações a postulação da língua como um sistema dinâmico e complexo, configurado no quadro das ciências dos domínios complexos.

A postulação da língua como um sistema complexo pode ser definida através das seguintes premissas:

- *Do ângulo dos processos, as línguas serão definíveis como um conjunto de atividades mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional.*

Os processos que organizam as línguas entendidas em seu dinamismo operam (i) simultaneamente, não sequencialmente, (ii) dinamicamente (não são entidades estáticas), (iii) multilinearmente (não são entidades unilineares).

A língua-enquanto-processo pode ser razoavelmente articulada em quatro domínios: lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização.

Ainda que timidamente, os estudos sobre a gramaticalização levantaram o véu da língua-enquanto-processo. Eles falharam, entretanto, ao não enquadrar o processo da gramaticalização entre outros processos de criação linguística, restringindo-se a tratá-lo como um epifenômeno.

- *Do ângulo dos produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.*

### **3.2. Postulado II: processos e produtos linguísticos são multissistêmicos, ultrapassando e englobando os limites da Gramática**

A língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas em quatro sistemas: Léxico, Discurso, Semântica e Gramática.

Esses sistemas serão considerados autônomos uns em relação aos outros, no sentido de que não se admitirá que um sistema determina/deriva de outro, nem se proporá uma hierarquia entre eles. Com isso, não se postulará a existência de sistemas centrais e de sistemas periféricos. Reformulo aqui Castilho (2003a), em que tinha proposto o Léxico como o módulo central das línguas naturais, violando assim o princípio da indeterminação intersistêmica. Em consequência desse postulado, qualquer expressão linguística exibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais.

Passo a detalhar o que entendo por domínios e sistemas, mencionados nessas premissas.

#### **3.2.1. Léxico e lexicalização**

O Léxico é entendido como o conjunto das palavras de uma língua, dispostas, no Português Brasileiro em categorias tais como substantivo, pronome, verbo, adjetivo, advérbio, artigo, conjunção e preposição.

Cada item pertencente a essas categorias representa a lexicalização de um conjunto de traços. Isso torna sem sentido assumir que um substantivo gera um advérbio, um advérbio gera uma preposição e assim em diante, como se assume comumente nos estudos sobre a gramaticalização. Durante a aquisição do Léxico, nós provavelmente adquirimos primeiro as categorias e subcategorias cognitivas, tanto quanto a habilidade de combiná-las em diferentes padrões, reunidas nas palavras por convenção social.

A lexicalização é o processo de criação das palavras, por meio da etimologia (lexicalização ocorrida na língua-fonte), neologia (lexicalização ocorrida na língua-alvo), derivação (lexicalização ocorrida no interior da língua alvo, por meio do desdobramento de itens previamente existentes), ou por meio de empréstimo lexical (lexicalização ocorrida por contato linguístico).

Em suma, lexicalização e Léxico devem ser entendidos num *continuum*, que vai da cognição pré-verbal para a expressão verbal, da língua-enérgeia para a língua-érgon, interpretando dessa maneira os conceitos formulados por Wilhelm von Humboldt.

Durante a interação, o falante e o ouvinte tomam decisões sobre como lexicalizar e como administrar o Léxico, que propriedades ativar, reativar ou desativar. Essa administração estabelece um conjunto de momentos, termo tomado aqui em seu sentido etimológico de “movimento”.

### **3.2.2. Semântica e semanticização**

A Semântica é o sistema que recolhe o sentido das expressões, configurado pelas seguintes categorias: referência, predicação, verificação, foricidade, dêixis e junção.

Inicialmente, a Semântica ocupou-se da mudança e da tipologia dos sentidos, concentrando-se no estudo da palavra. Isto caracterizou a Semântica Lexical, que investiga também questões tais como sinonímia, polissemia, campos semânticos. A Semântica Composicional (ou Semântica Sintática) estendeu esse domínio, tratando dos processos de mudança metonímica de itens dispostos em contiguidade sintagmática, a da incidência de algumas palavras sobre outras (operadores e escopo), etc. A Semântica Pragmática trata dos sentidos gerados no espaço que medeia entre os falantes e os signos linguísticos (Vogt, 1977), em que os sentidos apurados não são contidos nas palavras nem nas construções gramaticais. Ela trabalha com processos tais como inferência, pressuposição, atos performativos, implicatura conversacional, e assim por diante.

A semanticização é o processo de criação, modificação e categorização do sentido linguístico. Esse processo cobre os campos da semanticização lexical, composicional e pragmática.

No processo de criação e modificação dos sentidos, várias estratégias são desenvolvidas, algumas delas referidas na seção anterior. Dada a natureza dinâmica própria da fala, a mudança dos sentidos é um processo contínuo,

que levanta mais perguntas do que respostas. Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991a) organizaram um quadro interessante para capturar as representações semânticas das categorias cognitivas básicas.

### 3.2.3. Discurso e discursivização

É bem sabido que o termo “discurso” envolve diferentes realidades. Relaciono aqui algumas delas:

- (I) Execução individual do sistema linguístico, o mesmo que “fala”, que corresponde à *parole* saussuriana. O estudo da fala foi inicialmente desenvolvido pela Estilística (Bally, 1951; Spitzer, 1948; Vossler, 1943). Certos tipos de Análise do Discurso contemporânea representam sua continuação.
- (II) O mesmo que “enunciado”, ou “combinação de sentenças”, sujeito a certas regularidades. Alguns modelos estruturalistas empreenderam a descrição desse objeto.
- (III) O mesmo que “texto”, entendido como uma estrutura acabada, na qual podemos identificar suas unidades.
- (IV) O mesmo que “interação linguística”, “conversação”, organizada por um aparato que inclui o falante, o ouvinte, o assunto, e o conjunto de imagens construídas pelos falantes sobre eles mesmos e a posição que eles assumem com respeito ao assunto (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1972; Marcuschi, 1983; Preti, Org. 1993, 1997, 1998, 2000, 2002).
- (V) Finalmente, entende-se também por Discurso a articulação ideológica contida nos textos. Nesse sentido, a Análise do Discurso é uma espécie de nova Retórica, voltada para a hermenêutica dos textos, para surpreender as “formações discursivas”.

Talvez o único ponto em comum entre os analistas do discurso é sua determinação de ultrapassar a sentença como um limite da análise linguística, programa que se encontra em teorias como o Funcionalismo.

A interpretação do Discurso como texto, como em (iii), e como conversação, como em (iv), será tomada em conta aqui.

A discursivização será entendida, em consequência, como o processo de criação do texto falado, durante uma conversação, e do texto escrito. Ela abriga

um número de atividades de interação que envolvem o falante e o ouvinte (ou o escritor e o leitor), através das quais (i) instanciamos os participantes da conversação, construindo imagens sobre eles, (ii) organizamos a interação, desenvolvendo o tópico conversacional, objetivando agir sobre o outro, informar ou externar sentimentos, (iii) reorganizamos a interação por meio dos processos de correção sociopragmática, (iv) abandonamos o ritmo corrente por meio de digressões e parênteses, que habitualmente geram outros tópicos do discurso, e (v) estabelecemos a coesão textual por meio de vários expedientes.

O produto da discursivização, portanto, é o discurso, entendido como texto, e sua disposição em gêneros. Os pesquisadores do PGPF, mais particularmente os do Grupo de Análise Textual-Interativa, desenvolveram uma teoria hoje conhecida como *Perspectiva Textual-Interativa*, por meio da qual foram identificadas as seguintes categorias, que configuram o sistema do discurso: (i) unidades discursivas, (ii) estrutura tópica, (iii) reformulação da estrutura tópica por meio da repetição, da correção, do parafraseamento, (iii) descontinuação da estrutura tópica por meio da hesitação, da interrupção, da parentetização, e (iv) conectivos textuais expressos por marcadores discursivos e por conjunções textuais: Spinardi Jubran (Org. 2015), Penhavel; Cintra, (Coords. 2022).

Pode-se identificar algum desconforto entre os pesquisadores quando essas questões são tratadas como casos de gramaticalização – o que não foi o caso do grupo citado. Em tais casos, diferentes processos linguísticos convergiriam para uma única dimensão da gramática, como se pode ver em Bittencourt (1999), Gorski, Gibbon, Valle, Rost e Mago (2002), Braga, Silva e Soares (2002), Braga e Paiva (2003), Jubran e Koch (Orgs. 2006). Em Castilho (1997a, p. 60), objetei que esse ponto de vista trata a gramaticalização como um epifenômeno, o que obscurece o entendimento desse processo.

#### **3.2.4. Gramática e gramaticalização**

Entre os quatro processos constitutivos da língua, o da gramaticalização é de longe o mais estudado. A abordagem multissistêmica restringe o papel da gramaticalização à criação e mudança (i) da estrutura fonológica das palavras (fonologização), (ii) da estrutura morfológica da palavra (morfologização) e (iii) da estrutura sintática da sentença (sintaticização).

A Gramática é o sistema que resulta da gramaticalização, consistindo de estruturas em processo de cristalização, arranjadas em três subsistemas: Fonologia, Morfologia e Sintaxe. Reflexões sobre a Gramática têm sido organizadas à volta de suas classes, relações entre essas classes, e as funções

que elas desempenham nos enunciados. Constituem classes gramaticais o fonema, a sílaba, o morfema, a palavra, o sintagma e a sentença. As relações gramaticais são expressas pela transitividade, concordância e colocação. As funções gramaticais são expressas pelo predicado, pelos argumentos e pelos adjuntos.

C) Postulado III: um dispositivo sociocognitivo administra os sistemas linguísticos

Seja como conjunto de domínios (ou processos), seja como conjunto de sistemas (ou produtos), a língua continuará a depender de uma articulação que assegure a eficácia de seu uso. Essa articulação se dá ao abrigo do que venho chamando de “dispositivo sociocognitivo”, explicitável por meio da ativação, desativação e reativação de propriedades.

O dispositivo sociocognitivo se fundamenta nas estratégias da conversação, que é a utilização mais básica das línguas naturais e, por isso mesmo, suficientemente forte para fundamentar princípios linguísticos. Esse dispositivo tem uma dimensão cognitiva e uma dimensão social.

Ele é *cognitivo* porque se fundamenta na representação linguística de categorias e subcategorias cognitivas. Essas categorias, como já foi assinalado aqui, não são exclusivas nem negativas, ou seja, umas não se opõem / excluem outras. Ao contrário, elas são problemáticas e integrativas. Já destaquei que a categoria da PESSOA, representada na dêixis, é ordenadora dos processos e produtos dos sistemas linguísticos, e nisto acompanho Nascimento e Oliveira (2004).

Mas esse dispositivo é também *social*, porque baseado na análise continuada das situações que ocorrem numa conversa, mais particularmente, na gestão dos turnos conversacionais. A conversação é de fato a atividade linguística básica, vale repetir, e pode proporcionar-nos alguns elementos de interesse para esta demonstração.

O dispositivo sociocognitivo gerencia os sistemas linguísticos, garantindo sua integração para a eficácia dos atos de fala. De acordo com esse dispositivo, o falante ativa, reativa e desativa propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais no momento da criação de seus enunciados, constituindo as expressões que pretende “pôr no ar”.

A postulação desse dispositivo, como já se disse aqui, decorreu dos achados da Análise da Conversação e do PGPF, projetos que tomaram exclusivamente

a língua falada como objeto empírico. Descobrimos que a língua falada é mais reveladora dos processos de criatividade que a língua escrita. A interpretação teórica desses achados motivou Nascimento (1993/2005) e Kato (1996/2002) a desenvolverem reflexões fundadas nos mais de 200 ensaios preparados, debatidos e publicados pelo Projeto de Gramática do Português Brasileiro Falado.

O dispositivo sociocognitivo compreende os movimentos de ativação, reativação e desativação. Esse dispositivo pode ser generalizado, permitindo a formulação dos princípios linguísticos de projeção, recursão e eclipse (ver cap. 12 da *Nova Gramática do Português Brasileiro*, escrita e publicada por mim, em 2010).

São documentados em todos os sistemas linguísticos os seguintes processos:

- (I) ativação das estratégias conversacionais, de que resultam os turnos e os pares adjacentes,
- (II) reativação, de que decorre o abandono de uma estratégia em curso, ou *despreferências*, termo proposto por Marcuschi (1983),
- (III) desativação, quando respondemos a uma pergunta com outra pergunta, quando recusamos um convite etc., criando-se um “vazio pragmático”.

#### **4. Finalmente, o aspecto verbal**

Chegamos, assim, ao conceito de aspecto verbal e suas relações com a categoria de MOVIMENTO.

O aspecto verbal gramaticaliza os estados de coisas numa perspectiva espacial, distinguindo entidades que imagetivamente duram, não duram ou se repetem.

Para expressar o aspecto durativo, selecionamos o verbo *estar*, entre outros. Para expressar o tempo futuro, selecionamos o verbo *ir*, entre outros. No Português Brasileiro, esses verbos estão se integrando progressivamente ao radical do verbo pleno, transformando-se em prefixos, como se vê em *tafalano*, *tafalado*, *vofalá*, *vopará* etc.

Dois movimentos se reuniram aqui: o movimento fictício, que nos levou a selecionar os verbos *estar* e *ir* para representar o aspecto e o tempo, e o movimento físico, quando transportamos a marcação do aspecto imperfectivo e do tempo futuro do final do verbo pleno para sua cabeça, ou seja, quando deixamos de lado os sufixos e inventamos novos prefixos.

O aspecto verbal é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender. O termo *aspecto*, que encerra o radical indo-europeu \*spek, “ver”, capta outra propriedade dessa categoria: trata-se de um ponto de vista sobre o estado de coisas. O aspecto, portanto, é uma das gramaticalizações da categoria visão. É como se o falante visualizasse de fora, do alto, do além os estados de coisas que ele mesmo acionou, separando diligentemente (i) o que dura, (ii) o que começa e acaba, e (iii) o que se repete. Os aspectos imperfectivo, perfectivo e iterativo resultam desse lance meio místico.

O aspecto não dispõe de morfologia própria no português. Para codificar os significados aspectuais, o usuário combina diversos ingredientes linguísticos. O estudo do que daí resultou foi constituindo a Aspectologia, especialidade em que é possível reconhecer as seguintes fases históricas:

(1) Uma fase léxico-semântica, durante a qual foram identificadas as classes semânticoaspectuais do verbo, ou classes acionais. Esta perspectiva atribui à semântica do radical verbal as noções aspectuais apuradas. Observações de Diez (1876), Bello (1883), Jespersen (1924/1971), Bull (1960) e ainda os comentários de Sten (1953) e Garey (1957) situam-se nesta perspectiva.

(2) Uma fase semântico-sintática, ou composicional, durante a qual se examina o aspecto como a resultante da combinação das classes acionais do verbo (i) com a flexão e os verbos auxiliares, (ii) com os argumentos do verbo e os adjuntos adverbiais, aqui incluídas as sentenças condicionais-temporais. Nesta perspectiva, o aspecto passa a ser encarado mais claramente como uma propriedade da predicação. Os trabalhos de Castilho (1968a), Verkuyl (1972), Dietrich (1973), Comrie (1976), Almeida (1980), Travaglia (1981), Soares (1987) e Ilari (1998), entre outros, situam-se nesta fase.

(3) Uma fase discursiva, em que se investigam as condições discursivas que favorecem a emergência dos aspectos assim constituídos: Hopper (1979a, 1979b), Hopper e Thompson (1980).

Vou fundamentar-me nessas fases para descrever as opções do falante do Português Brasileiro ao codificar o aspecto. Para esse fim, ele precisa (1) escolher um item no léxico marcado pela classe acional requerida por sua necessidade expressiva; (2) confirmar ou alterar a classe acional, por meio de recursos morfológicos e sintáticos; (3) acomodar o aspecto assim configurado na articulação discursiva. Tudo isso acontece simultaneamente.

Embora aspecto e tempo possam ser concebidos como propriedades da predicação, reconheço, entretanto, que há uma forte distinção entre eles, fato já reconhecido por Bühler (1934/1961). Esse autor dividiu os campos linguísticos em simbólico e dêitico. Proporei que o aspecto integra o campo simbólico, e o tempo, o campo dêitico.

Tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala. É assim que se pode representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade dos atos de fala. Só podemos entender essas fatias do tempo tomando como ponto de referência o sujeito falante. O tempo também depende da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro. Por outras palavras, o tempo pressupõe o aspecto, mas este não pressupõe aquele. Se quiser mais argumentos sobre esta posição, leia Bull (1960). No final de seu livro, esse autor reconheceu que, se não conseguiu esgotar o assunto “tempo”, pelo menos o assunto o tinha esgotado. Não é sempre que topamos com essa sinceridade na tribo dos linguistas!

O aspecto, em contrapartida, não depende, como o tempo, da postulação de conceitos como o de intervalo e de inserção do ponto primário na linha do tempo, aplicando os conceitos desenvolvidos por Bull (1960). O conceito de aspecto é primordial, vale dizer, essa categoria tem a autonomia que lhe é dada por sua propriedade simbólica. Assim, não me parece necessário concebê-lo como uma sorte de “tempo interno” da predicação.

Na fase de aquisição da linguagem, primeiro vem o aspecto, como categoria simbólica, e depois o tempo, como categoria dêitica: Lemos (1987). Esses argumentos foram debatidos num trabalho que escrevi em 1966 (Castilho, 1968a), e ainda em Comrie (1976, p. 5) e em Lyons (1977/1984 ii, p. 705).

Mas parece que foi Jakobson (1957, p. 134-135) quem primeiro formulou com clareza as diferenças entre aspecto e tempo: “O aspecto caracteriza o evento narrado sem envolver seus participantes e sem referência ao evento de fala. [...] O aspecto quantifica o evento narrado. O tempo caracteriza o evento narrado com referência ao evento de fala. Assim, o pretérito nos informa que o evento narrado é anterior ao evento da fala.”

Hopper (Ed. 1982, p. 12) também foi por aí, quando reconhece que “na construção do estado ou da ação, o aspecto não depende da intervenção do observador”.

Após esta mini-história da Aspectologia, passo a descrever o aspecto no Português Brasileiro, propondo uma tipologia. Sejam os seguintes exemplos:

(5)

a) *Você primeiro arruma as malas... você já está na rua... a mala já está arrumada.* (D2 SSA 98).

b) *Fecha os olhos e concentra-se: por que os vizinhos vivem dizendo tantas coisas sobre sua família?*

c) *Pôsse a citar de memória as dívidas de cada um de nós, calouse por um momento, e acabou de fumar seu charuto.*

Em *fecha* e *concentra-se*, representase uma ação pontual, acabada, isto é, uma ação cujo começo coincide com seu desfecho, tornando-se irrelevantes as fases de seu desenvolvimento. Temos aqui o aspecto perfectivo, frequentemente expresso por verbos de classe acional télica ou global, que lexicalizam uma predicação que tende inexoravelmente a um fim, sem o qual ela não se sustenta. Retomando a chave do transporte místico, quando você, flutuando nos páramos da glória, espia cá para baixo, o que vê nesses casos é um ponto (.). Ora, um ponto, já explicaram os sábios gregos, é uma figura geométrica cujo começo coincide com seu fim.

Já em *calouse + por um momento*, o sintagma preposicional em função adverbial compromete o traço de telicidade de *calarse*, e a resultante é durativa. Aí, tanto quanto em *arruma*, *vivem dizendo* e *pôsse a citar*, temos o aspecto imperfectivo, expresso habitualmente por verbos de classe acional atélica, que representam uma predicação que tem existência tão logo iniciada, dispensando seu desfecho. É possível reconhecer diferentes fases de processamento no imperfectivo: uma fase inicial, exemplificada por *pôsse a citar* (= imperfectivo inceptivo), uma fase medial, retratada em pleno curso de seu desenvolvimento, como em *arruma*, *vivem dizendo*, *calouse por um momento* (= imperfectivo cursivo), e uma fase final, dada por *acaba de fumar* (= imperfectivo terminativo). De novo, quando alguém usa um imperfectivo, o que você vê é uma linha, com seu contorno inicial (|---), final (---|) ou sem contorno algum (---).

O perfectivo e o imperfectivo expressam a categoria cognitiva de QUALIDADE, configurando a face qualitativa do aspecto.

Observa-se, entretanto, que em *arruma*, *está arrumada*, *fecha*, *pôsse a citar*, *calouse* e *acabou de fumar*, o estado de coisas descrito por esses verbos ocorreu uma única vez, ao passo que em *vivem dizendo* esse estado ocorreu mais de uma vez. Isso leva a reconhecer que o aspecto expressa igualmente a categoria de QUANTIDADE, distinguindo a ocorrência singular (= semelfactivo) da ocorrência múltipla, habitual ou reiterada (= iterativo). Com isto, captamos um conjunto de pontos ou um conjunto de linhas.

Estudos sobre os advérbios e os adjetivos identificaram pelo menos três tipos de predicação: a modalização, a qualificação e a quantificação (Ilari *et al.*, 1991; Castilho, 1993a, 1994b). A qualificação e a quantificação têm um interesse particular quando se trata de descrever o aspecto, e serão aqui acolhidas.

Confrontando agora os aspectos identificados nessas sentenças com *está arrumada* de (25a), constata-se que se expõe aí um ponto de vista complexo sobre o sujeito, de que se ressalta um estado presente resultante de uma ação passada. Confuso? Você ainda não viu nada! Vamos lá: em a mala está arrumada pressupõe-se que alguém arrumou a mala, e agora ela está arrumada. Esta noção é captada pelo aspecto resultativo, que configura uma predicação que vai da ação ao seu resultado, representando-se gramaticalmente apenas este último. Mas como o resultativo implica numa predicação acabada, concluída, vou dispô-lo como um subtipo do perfectivo. Retornando às metáforas geométricas, de um ponto inferiu-se um resultado.

Isso dito, podemos agora reunir num quadro a tipologia do aspecto. Convém advertir, entretanto, que seria um erro exercer aqui, como sempre, o chamado *either/or thinking*, pois cada ocorrência verbal assume simultaneamente mais de uma face.

Nas expressões linguísticas combinam-se, em verdade, os planos que separamos anteriormente. Nem poderia ser de outro modo, pois a variedade dos estados de coisas representados pela predicação verbal havia mesmo de requerer um quadro pluridimensional, cujos termos não se excluem, não se negam. A tipologia do aspecto, por isso mesmo, é um assunto muito controvertido. Será mais conveniente se, para retratar o aspecto, postulássemos classes problemáticas, ou “quase-classes”, em que a identificação de uma não significasse a exclusão das outras.

Com esses cuidados todos, e deixando de lado os predicados estativos, proporei a seguinte tipologia do aspecto:

**Quadro 1** – Tipologia do aspecto

ASPECTO E QUALIDADE		ASPECTO E QUANTIDADE
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	SEMELFACTIVO
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		Imperfectivo/Perfectivo

**Fonte:** Elaboração própria

A perspectiva discursiva do aspecto não será elaborada aqui, ocorrendo referências incidentais. O fato é que traços semânticos dos argumentos sentenciais externo e interno, bem como sua figuração no singular ou no plural, interferem na constituição do significado aspectual. Sintagmas nominais /não específicos/ tendem a cancelar as noções de aspecto e tempo, com o surgimento dos tempos “indivisíveis”, segundo Imbs (1960), ou do aspecto indeterminado, uma sorte de aoristo, de que tratei em Castilho (1968a). Por outro lado, sintagmas nominais /específicos/ favorecem a emergência do imperfectivo e do perfectivo. No singular, eles tendem a codificar o semelfactivo, e no plural, o iterativo.

Os adjuntos adverbiais aspectualizadores têm igual importância na composição do tipo de aspecto obtido. Para seu estudo, será necessário, inicialmente, distinguir (i) advérbios aspectualizadores qualitativos durativos (“escalares”, segundo Bull, 1960) e/ou pontuais, de (ii) advérbios aspectualizadores quantitativos: para uma elaboração maior, ver Castilho (1993a), que reanalisa Ilari *et al.* (1991). Esses advérbios entretêm diferentes relações com o tipo semântico do verbo, mostrando que a categoria de aspecto ocorre em quaisquer expressões predicativas.

Habitualmente, advérbios durativos + verbos atélicos confirmam a imperfectividade destes (como em *andaram durante três horas*).

Combinados com verbos télicos, suscitam a iteratividade (como em *caíram durante três horas*). De outro lado, advérbios pontuais + verbos atélicos especificam uma imperfectividade inceptiva (como em *andaram às três horas*, isto é, “começaram a andar às três horas”).

Combinados com verbos télicos, confirmam a perfectividade destes (como em *caíram às três horas*). Esta formulação precisará ser examinada mais detidamente, pois há incompatibilidades de determinados verbos télicos com adverbiais durativos, como em *\*achei seu anel durante três minutos*. Talvez essa sentença seja bloqueada pelo estado de coisas codificado na expressão “achar o anel”.

Passo à descrição dos aspectos mencionados anteriormente.

## **5. Aspecto imperfectivo**

O aspecto imperfectivo tem as seguintes propriedades: (i) Apresenta uma predicação dinâmica de sujeito /específico/, na maior parte dos casos. (ii) Essa predicação compreende fases: uma fase inicial (imperfectivo inceptivo), uma

fase retratada em pleno curso (imperfectivo cursivo), ou uma fase final do estado de coisas (imperfectivo terminativo). (iii) O imperfectivo ocorre com alta frequência nas estruturas de fundo das narrativas, entendendo-se por isso as informações que servem de moldura ao evento.

As perífrases predominam sobre as formas verbais simples na expressão do imperfectivo. Numa pesquisa sobre as perífrases aspectuais, observou-se que num total de 913 ocorrências, 65% são gerundiais, 32% são participiais e apenas 3% são de infinitivo. Muito provavelmente estas últimas expressam o tempo futuro.

### 5.1. Imperfectivo inceptivo

O imperfectivo inceptivo expressa uma duração de que se destacam os momentos iniciais. Esse aspecto depende fortemente de construções perifrásticas de infinitivo e gerúndio, tendo por verbo auxiliar *principiar (a)*, *começar (a)*, *pôr-se a*, *pegar a*.

Embora as perífrases de infinitivo sejam mais escassas que as de gerúndio, elas são cruciais para a expressão do imperfectivo inceptivo. Como verbo auxiliar, *começar* predominou em 65% das ocorrências, como em

(6) *Começou a falar mal de todos.*

parafraseável por

(6a) *Principiou a falar mal de todos.*

Em (26) e (26a), a significação inceptiva decorre do verbo auxiliar. Testes de escopo da negação e focalização mostram que tanto o verbo auxiliar quanto o verbo pleno na forma nominal mantiveram intactos seus sentidos, caracterizando uma escassa gramaticalização do verbo auxiliar e uma baixa coesão sintática do conjunto:

(7)

(a) *Começa a andar direito.*

(b) *Não começa a andar direito.*

(c) *Começou a não andar direito.*

(d) *Só começa a andar direito.*

(e) *Começa a só andar direito.*

Caso distinto é o dos auxiliares *pegar* e *(a)garrar*. Associados a um infinitivo, esses verbos indicam o começo do estado de coisas codificado por este último:

(8)

- a) *Pegou a falar.*
- b) *Garrou a criar uma coisa assim, parecia uma lesão.*
- c) *Garrou a atacar.*

Em (8), a significação inceptiva não decorre do verbo auxiliar, cujo sentido foi intensamente alterado. Casos como esses foram examinados por Benveniste (1966, p. 1-15) e Weinrich (1964/1968), autor que os trataria como casos de *nesting*.

Rodrigues (1974) identificou as ocorrências (8b) e (8c) no falar piracicabano, à semelhança do espanhol *se agarró hablando*.

## 5.2. Imperfectivo cursivo

O imperfectivo cursivo apresenta o estado de coisas em seu pleno curso, sem referências às fases inicial ou final.

O presente de verbos atélicos codifica usualmente o imperfectivo cursivo, parecendo irrelevantes os traços de animacidade do sintagma nominal de sujeito:

(9)

- a) *Uma amiga minha que faz Medicina e ela vai sempre para o Xingu.* (DID SP 343)
- b) *Segundo o médico, a doença dele evolui mais depressa que o habitual.*

Verbos atélicos construídos com advérbios aspectualizadores durativos, bem como com sintagmas preposicionais com ou sem núcleo, codificam o esperado imperfectivo cursivo:

(10)

- a) *Há uma ênfase que dura muitas décadas nas Ciências Sociais.* (EF SP 124)
- b) *Eu faço uma dieta vegetariana, mas não faço permanentemente.*
- c) *Muito tempo eu andei por lá... sem te encontrar.*

Verbos télicos podem ser recategorizados semanticamente como atélicos nas seguintes circunstâncias:

(1) O verbo está conjugado no tempo presente, associado a expressões adverbiais quantificadoras progressivas, ou “de fases”:

(11)

- a) *Porque [o avião] chega depressa e [se] a gente vai morrer ... morre de vez... eu não gosto de morrer aos pedacinhos... aos poucos.* (D2 SSA 98)
- b) *E cada vez você vê que a máquina substitui mais o homem.* (DID SP 343)
- c) *E cada vez mais o comprador adquire [= vai adquirindo] uma capacidade de calcular as coisas.* (DID SP 343)

(2) O verbo está conjugado no pretérito imperfeito e no gerúndio. É o que se pode constatar, retornando a um exemplo anterior, aqui renumerado:

(12)

- a) *Ele se afogava.*
- b) *Vi um menino se afogando.*

(3) O verbo está conjugado no pretérito perfeito simples, modificado por adverbiais aspectualizadores durativos, como *durante aquele dia* em:

(13)

*Durante aquele dia perdi muito dinheiro.*

A grande maioria das perífrases gerundiais expressa o aspecto imperfectivo cursivo. Examinando-as, constata-se que, em geral 70%, têm *estar* como verbo auxiliar, seguindo-se *ir* (10%), *acabar* (8%), *ficar*, *continuar*, *vir*, *viver*, *passar* e *permanecer* (12%) + *ndo*:

(14)

- a) *Ele estava falando que a topografia da cidade é muito bonita.* (D2 SP 343)
- b) *A cidade [...] está crescendo desordenadamente.* (D2 SP 343)
- c) *Aquele [...] que tem esperança [...] vai... vai lutando...* (D2 SP 62)
- d) *À medida que for barateando... então [...] o empresário médio já pode...* (D2 SP 62)
- e) *A população irá aprendendo a... a assistir esses programas.* (D2 SP 255)
- f) *Então essa linguagem vai evoluindo no seu país de origem.* (D2 SP 333)
- g) *É isso que a gente vem dizendo até agora... certo?* (EF SP 405)
- h) *Mandei a ela umas flores com um cartão de... cartão de Natal e pus “do seu noivo”... entre parênteses... e daí vim vindo vim vindo e em cinquenta e nove [...] nos casamos.* (D2 SP 343)
- i) *Enquanto não houver concurso continuam trabalhando.* (D2 SP 360)
- j) *Facilmente ela é descontinuada e:: já vem uma outra:: uma outra linha substituindo.* (D2 SP 62)
- k) *E eu mexendo dentro d’água a pedra era redonda me lembro de ter escorregado... caído... dentro d’água e estava me afogando... vinha vim para cima assim...* (DID POA 45)
- l) *Temos que o teatro está sucumbindo e eles não... não não têm como apresentar uma justificativa.* (D2 sp 62)

Verbo no gerúndio indicando mudança de estado, como em (14b), (14d) e (14f), indica uma duração mais gradual. Essas perífrases constituem um subtipo dos imperfectivos cursivos, que poderiam ser mais adequadamente denominadas “progressivos”.

Nesses exemplos, as perífrases apenas confirmaram o valor durativo já contido nos verbos atélicos aí exemplificados. Em (14j) a (14l), a semântica télica do verbo pleno foi alterada para atélica.

Ilari e Mantoanelli (1983) mostram que a perífrase de gerúndio é incompatível com verbos que indicam permanência, como em

(15) \**O plantão de vacinações está ficando à rua X.*

em que só se admite o presente:

(15a) *O plantão de vacinações fica à rua X.*

Dascal (1982b) chama a atenção para as perífrases de gerúndio com mais de um verbo auxiliar. Algumas ocorrências:

(16)

- a) *Se não conseguir vamos ficar andando até amanhã.* (DID SP 208)
- b) *Ele vai continuar lendo bobagens.*
- c) *Eu costumo ir falando alto, mas isso é uma maneira própria.* (DID SP 18)

Uma primeira indagação seria verificar se há uma hierarquia no arranjo sequencial dos verbos auxiliares que especificam o verbo pleno, no que diz respeito à expressão das demais propriedades da predicação. Em (16a) e (16b), os auxiliares de tempo *vamos* e *vai* figuram em primeiro lugar. Em (17c), o auxiliar iterativo *costumo* precedeu o auxiliar imperfectivo *ir*, o que reforçaria a hipótese, adiante examinada, da especificidade do iterativo.

Também as perífrases de infinitivo denotam as fases da duração do estado de coisas:

(17) *Então vai trabalhar o dia inteiro.* (D2 sp 62)

Em (17), a futuridade de *ir* + infinitivo é apresentada numa forma durativa, para o que sem dúvida a expressão adverbial *o dia inteiro* assume um papel crucial.

Perífrases de participio, notadamente aquelas com auxiliar *ter*, no pretérito perfeito composto, expressam o iterativo imperfectivo com verbos atélicos:

(18) *Essa criança tem brincado bastante.*

Embora as sentenças com *ter* + participio sejam muitas vezes ambíguas com relação ao aspecto, nota-se que (i) com verbos atélicos elas favorecem uma interpretação iterativa imperfectiva, ou seja, repetem-se durações, e (ii) com verbos télicos uma interpretação iterativa perfectiva, ou seja, repetem-se pontualidades. Sendo muito raras no *corpus* do Projeto NURC, parece que essa forma está em processo de desaparecimento, pelo menos na modalidade falada.

Nessa perífrase, como já se disse anteriormente, o verbo auxiliar exhibe o mais alto grau de gramaticalização, o que talvez explique seu rápido desaparecimento no português falado. Como se sabe, expressões altamente cristalizadas tendem a ingressar na fase zero da gramaticalização: Castilho (1997a, b, c). A verificação do escopo da negação e da focalização comprova-o claramente:

(18a) *Essa criança não tem brincado bastante.*

(18b) \**Essa criança tem não brincado bastante.*

possível apenas nos casos de contraste:

(18c) *Essa criança tem não brincado, e sim falado bastante.*

Quanto à focalização, observe-se a aceitabilidade de

(18d) *Essa criança só tem brincado.*

ao lado de

(18e) \**Essa criança tem só brincado.*

mais aceitável nas mesmas condições de (18c):

(18f) *Essa criança tem só brincado, não tem falado.*

### **5.3. Imperfectivo terminativo**

O imperfectivo terminativo assinala os momentos finais de uma duração, o que só é possível em perífrases de *acabar de/por*, *cessar de*, *deixar de*, *terminar de* + infinitivo:

(19) *Essa criança termina de brincar.*

no sentido de

(19a) *Essa criança estava brincando, mas deixou de brincar.*

Uma primeira conclusão sobre o imperfectivo em suas modalidades anteriormente examinadas é que esse aspecto é bastante dependente da classe acional do verbo, seja conjugado em formas simples, seja organizando perífrases. Isso se deve a um fenômeno léxico bastante óbvio, que é a predominância estatística dos verbos atélicos sobre os télicos. Outros tipos de aspecto dependem mais fortemente da composição semântica entre a classe acionária, a morfologia da conjugação, os argumentos e os adjuntos sentenciais.

## 6. Aspecto perfectivo

O aspecto perfectivo tem as seguintes propriedades: (i) Apresenta o estado de coisas em sua completude, sem qualquer menção a fases. (ii) Tal como o imperfectivo, ocorre em predicacões dinâmicas, com sujeito /específico/ na maior parte das vezes. (iii) Ocorre na figura das narrativas, isto é, nos segmentos em que se narra o evento central.

Os dados permitiram identificar dois subtipos de perfectivo: o pontual e o resultativo.

### 6.1. Perfectivo pontual

O presente, o pretérito perfeito simples e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo flexionados com verbos télicos confirmam a pontualidade deste, caso não intervenham outros fatores:

(20)

a) *Quer dizer que o teu conhecimento especializado não dá para... só atinge uma área muito limitada.* (DID SP 343)

b) *Um momentinho porque eu encontrei uma definição.* (EF REC 337)

c) *E:: eles arrumaram os quartos e tudo... e as gurias de noite amarraram cordão nas PORTas fizeram o diabo lá... pra pra mexer com o pessoal sabe?* (DID POA 45)

d) *Porque... matou tanta galinha eu sei que aquele dia se comeu foi uma comilança de galinha porque morreu na hora ali elas morreram sufocadas né?* (DID POA 45)

Nos exemplos, observa-se uma regularidade no traço semântico /específico/ do sujeito. Bertinetto (1991, p. 28-29) sugere que certas propriedades intensionais do sintagma nominal sujeito afetam a telicidade dos verbos. Assim, em

(21) *O projétil golpeia a posição inimiga.*

temos um perfectivo, ao passo que em

(22) *O vento golpeia nosso rosto.*

temos um imperfectivo, com a recategorização de *golpear*.

Bertinetto mostra que a presença de determinados argumentos internos, como em *desenhar um retrato, cantar uma canção, fumar um cigarro, passar uma camisa*, transpõe esses verbos de atélicos para télicos (ou de *accomplishment*), e com isso essas expressões representariam ações completas. Assim, uma sentença como

(23) *A empregada passa a camisa.*

teria interpretação perfectiva.

Essa questão nos devolve às propriedades não negativas, problemáticas dos tipos aspectuais, e, também, à questão mais particular que estamos focalizando no estado de coisas. Assim, se em *passar uma camisa* nos concentrarmos no ato em si, é evidente que será sua imperfectividade que nos interessará, como se pode constatar pela paráfrase:

(23a) *Se alguém está passando uma camisa, mas é interrompido enquanto a passa, pode-se dizer que passou a camisa?*

a resposta será “*sim!*”, se se pensa que “*passar uma camisa*” envolve diferentes fases, algumas das quais já foram executadas.

Mas se nos concentrarmos no resultado desse ato, que é “*ter a camisa passada*”, a resposta será “*não!*”, ressaltando a interpretação perfectiva. Este deve ter sido o caminho percorrido por Bertinetto. Em consequência, considerar (23) ao mesmo tempo imperfectivo e perfectivo não será um absurdo, sobretudo se divisamos nos estados de coisas sua “operação” separadamente de seu “resultado”.

Os adverbiais pontuais atribuem aos verbos a que se aplicam o sentido de subitaneidade da ação, que se torna, assim, pontual, não durativa. Por assim dizer, a face pontual desses adverbiais neutraliza qualquer duração acaso contida na classe acional do verbo, a não ser, é claro, que ele já integrasse a classe dos télicos.

Há, portanto, duas situações: (i) o verbo já é télico, e o adverbial apenas reforça sua perfectividade: este é o caso de (24a) e (24b); (ii) o verbo é atélico e o advérbio aspectualizador altera suas propriedades intensionais, que passam a expressar um perfectivo pontual, como em (24c) e (24d):

(24)

- a) *A juventude absorveu completamente a moda do cabelo comprido.*
- b) *Eu pus o camarão naquele refogado... rapidamente... só mexi o camarão.* (D2 POA 291)
- c) *Ajeitou os cabelos de um golpe.*
- d) *Você acha que ele não vai fixar essa ideia? Já fixou!*

Parece que os adverbiais aspectualizadores pontuais são mais raros do que os durativos.

## 6.2. Perfectivo resultativo

O perfectivo resultativo tem as seguintes propriedades: (1) ocorre nas predicções estático-dinâmicas, associando uma ação a um estado; (2) a ação, necessariamente tomada no passado, é pressuposta; (3) o estado presente decorre dessa ação; (4) há relações entre o resultativo e a voz passiva, estudadas por Comrie (1981) e Camacho (2002).

Formas simples e perifrásticas codificam o resultativo. Alguns verbos simples assinalam a mudança do estado do sujeito, expressando lexicalmente o resultativo:

(25)

- a) *Aquilo se torna uma imposição.* (EF REC 337)
- b) *Então ficou muito bonito (quando a gente entrou).* (DID POA 45)

Nos exemplos acima, depreende-se que houve uma mudança no atributo do sujeito. Em (25a), aquilo não era anteriormente uma imposição. Em (25b), X não era bonito antes.

Perífrases de participio codificam habitualmente o resultativo. Dentre elas, estar ocorre em geral em 59% dos casos, ter em 32%, distribuindo-se os restantes 9% pelos verbos auxiliares ficar, continuar, andar. Vejamos alguns exemplos:

(26)

- a) *As provas estão corrigidas.*
- b) *As provas foram corrigidas.*

- c) *A gente tem uma série de dados levantados.* (EF SP 405)
- d) *Ficou resolvido que não sairíamos da casa.*
- e) *A reunião do departamento continuou combinada.*

*Ter* + participípio em (26c) recupera a história do pretérito perfeito composto do português, como se pode verificar pela concordância do participípio passado com o adjunto adnominal de dados, enquanto *ter* continua a ser verbo pleno (Castilho, 1967). O traço de concordância é igualmente crucial para a interpretação resultativa dessa sentença.

*Estar* + participípio é bastante comum na língua coloquial, quando se deseja enfatizar os resultados presentes de alguma decisão passada. Nesses casos, repete-se o verbo, como em:

(27)

- a) *Falou, tá falado.*
- b) *Combinou, tá combinado.*

Alguns autores valorizam nos exemplos anteriores o caráter durativo do estado resultante. Mas note-se que tal duração decorre de uma implicatura, por meio da qual se constitui uma significação discursiva. Suponho que a percepção mais espontânea do falante com respeito a (46a) não será, por exemplo

(26a') *Porque as provas estão corrigidas, agora elas permanecerão nesse estado.*

e sim

(26a'') *Alguém corrigiu as provas, e agora elas estão corrigidas.*

Essa questão explica por que há tanto desentendimento com respeito ao aspecto expresso numa mesma sentença, e é porque diferentes níveis conceptuais da proposição estão sendo valorizados por diferentes analistas. Neste trabalho, procurei ater-me aos significados proposicionais.

## **7. Aspecto iterativo**

O aspecto iterativo representa uma quantificação do imperfectivo e do perfectivo. Desse ponto de vista, não se trata, a rigor, de “outro aspecto” e, em consequência, haverá um iterativo imperfectivo e um iterativo perfectivo. Nesta descrição, não me fixarei nesses subtipos, para deixar mais claros os mecanismos de composição de uma predicação iterativa.

O sujeito das predicções quantificadas é habitualmente /não específico/, pluralizado. Como nas entrevistas do Projeto NURC predomina uma articulação discursiva de genericidade, o iterativo se mostrou muito produtivo nos materiais desse projeto.

O componente léxico é irrelevante na composição iterativa, se descontarmos poucos itens com marcação iterativa derivacional em *-ejar* e *-itar*, ou auxiliares como *costumar* e *habituar-se a*. Com isso, o iterativo depende mais acentuadamente que os outros aspectos dos fatores de natureza composicional.

Desnecessário dizer que os componentes da iteratividade podem somar-se numa mesma expressão. A separação das vertentes da iteração nos exemplos a seguir procura apenas pôr em relevo um fator de cada vez, sem prejuízo dos demais.

### 7.1. Iteração e flexão modo-temporal

O presente (28a), o imperfeito (28b, 28c e 28h), o pretérito perfeito composto (28d a 28f), a perífrase (28g) e mesmo a repetição do verbo (28h), expressam a iteração:

(28)

a) *Para fazer as coisas calmamente não dá... pura e simplesmente não dá... então a gente corre depressa vai para o carro troca de roupa correndo faz isso faz aquilo.* (D2 SP 360)

b) *Vestiam-se muito mais modestamente [...] usavam chita.* (D2 SP 396)

c) *Nós tomávamos o bonde e íamos na rua Direita né?* (D2 SP 396)

d) *Tenho saído sim... assim em termos.* (D2 SP 360)

e) *Eu tenho ido ao teatro.* (DID SP 234)

f) *Tenho ouvido dizer que [...] aquele programa aquilo é abaixo da crítica.* (D2 SP 333)

g) *Olha eu costumei dizer:: ao meu primo-irmão [...] que eu gosto tanto de teatro.* (D2 SP 333)

h) *Eram papelotes:: enrolavam... um pedacinho de papel enrolava enrolava e amarrava um papelzinho.* (D2 SP 333)

Dentre as perífrases, é preciso destacar aquelas que, como em (28g), têm um auxiliar iterativo. Outros exemplos seriam *habituar-se (a)*, *costumar*, *andar (a)*, *viver (a)*, seguidas de infinitivo ou de gerúndio, e ser de seguida de infinitivo, como em:

(29) *Mas ele não era de fazer essas coisas!*

Uma série de requisitos são obrigatórios para que *estar* + gerúndio – a perífrase mais recorrente nos dados do PB falado – expresse a iteratividade, tais como a pluralização dos argumentos e/ou a ocorrência de adverbiais. Faltando tais requisitos, exemplificados adiante, essa perífrase expressa o semelfactivo, seja imperfectivo ou perfectivo. Vamos examinar esses requisitos.

## 7.2. Iteração e argumentos verbais

Os dados mostram que a iteratividade pode ser gerada pelos argumentos do verbo nas seguintes situações: (i) sujeito nulo, seguido ou não de complemento nulo; (ii) sujeito retido, seguido ou não de complemento pluralizado; (iii) sujeito e/ou complemento quantificados. Nessas situações, será irrelevante se o núcleo da predicação verbal for preenchido por um verbo simples ou por uma perífrase. Examinemos esses casos.

(a) Sujeito nulo, seguido ou não de complemento nulo:

(30)

- a) *Porque tem que levantar... tem que vestir os dois...* (D2 SP 360)
- b) *Eles telefonam... falam com a pessoa [...] ou ligam para a casa da pessoa... aí conversam e a pessoa diz se está interessada.* (D2 SP 360)
- c) *Porque é MUlto a gente vive de motorista o dia inTElro mas o dia inTElro... uma corrida bárbara e leva Ø na escola [...] e vai buscar Ø... e vou trabalhar.* (D2 SP 360)

(b) Sujeito retido seguido ou não de complemento pluralizado:

(31)

- a) *Hoje qualquer classe eles fazem sessão de cinema.* (DID SP 208)
- b) *Talvez a palavra seja gargantilha... e que agora esteja lembrando mas estou ligando com a coisa que as mulheres estão usando.* (DID SP 18)
- c) *Estão controlando a poluição de ar agora né?* (DID SP 263)

isto é,

(31a) [...] *eles fazem habitualmente sessão de cinema.*

O mesmo ocorrerá com um sintagma nominal de objeto direto no plural. Em

(32) *A criança comeu um doce na hora do almoço.*

há uma ação durativa singular e, portanto, um imperfectivo semelfactivo. Já em

(33) *Comem doces na hora do almoço naquela creche.*

há uma ação durativa que se repete, favorecida pela elipse do sujeito e pelo efeito distributivo de “na hora do almoço”, portanto, um iterativo imperfectivo.

(c) Sujeito e/ou complemento quantificados:

Segundo Negrão; Muller (1996, p. 132), “*um determinado sintagma quantificado tem escopo sobre outro sintagma quantificado quando a interpretação deste último depende da interpretação do primeiro*”. Assim, em

(34) *O jornalista entrevistou uma artista famosa*

*entrevistou* é semelfactivo. Já em

(35) *Cada jornalista entrevistou uma artista famosa.*

*entrevistou* é iterativo, pois o sintagma nominal quantificado [*cada jornalista*]<sub>sujeito</sub>, ao dominar [*uma artista famosa*]<sub>objeto directo</sub>, dará lugar à interpretação de que há várias artistas, tendo-se, portanto, repetido a ação de entrevistar. O mesmo fenómeno ocorre neste bocado de prosa de Eça de Queirós (Alves & Cia., Lisboa: Livraria Lello & Irmão Editores, 1945: 122):

(36) *Viu-se pertencendo a essa tribo grotesca dos maridos traídos que não podiam entrar em casa sem que, de qualquer canto, escapasse um amante.*

Comparando o semelfactivo “*um amante escapa de qualquer canto*” com o iterativo “*um amante escapava de qualquer canto/de cada canto*”, isto é, “*muitos amantes escapavam de muitos cantos*”, nota-se que a direção da quantificação pode ser também do complemento para o sujeito. O que interessa aqui é que sintagmas nominais quantificados afetam o núcleo do sintagma verbal, que passa a expressar a repetição do estado de coisas. Deve-se notar, também, que tipos de quantificadores provocam o sentido de iteração; aparentemente, apenas os que exprimem distribuição, como cada.

Diferentes efeitos de sentido são gerados pelo sujeito expresso por um sintagma nominal cujo Especificador é um quantificador:

(i) definido, como em

(37) *Três es/vão para o colégio e dois vão para uma... um cursinho de matemática... e o menor então esses cinco saem... e vão... para Pinheiros.* (D2 SP 360)

(ii) indefinido, como em

(38)

a) *Muitos comendadores compravam título.* (D2 SP 396)

b) *Todo mundo andava de colete... principalmente as mocinhas depois de quinze anos e tudo.* (D2 SP 396)

(iii) partitivo, em

(39) *Vários professores viviam daquilo.* (D2 SP 255)

e (iv) distributiva, em

(40)

a) *Cada tábua que caía, doía no coração.* (Adoniran Barbosa, Saudosa Maloca).

b) *Era só galinha morta que saía... cada galinha que saía a minha minha avó gritava mais... “velho maluco está caduco”.* (DID POA 45)

### **7.3. Iteração e advérbios quantificadores**

Os advérbios quantificadores aspectualizadores selecionam mais de um indivíduo no conjunto constituído pela predicação verbal. Os significados iterativos assim gerados apresentam a predicação ou como que se repetindo não especificamente, indeterminadamente, ou numa forma específica, determinada, em que os intervalos são previsíveis.

(a) Iteração /não específica/

Evocam e/ou concorrem para uma interpretação iterativa não específica (i) os advérbios em *-mente* derivados de adjetivos em cujas propriedades intensionais se encontra o traço de frequência, (ii) o advérbio *sempre* e (iii) os adverbiais formados com o item *vez* quantificado universalmente.

É evidente que os exemplos não se integram rigidamente na categoria da iteração /não específica/ *versus* iteração /específica/, pois o fenômeno da correção – tão presente na língua falada – leva constantemente o mesmo verbo a passar de uma interpretação para outra, quando modificado por mais de um advérbio ou expressão adverbial quantificadora. Vejamos alguns exemplos:

(41)

- a) *O meu problema é doce... raramente eu como doce...* (D2 POA 291)
- b) *Normalmente a gente tira exatamente o pedaço do livro.* (EF POA 278)
- c) *Tendo em vista os elevados custos... que nós... habitualmente verificamos... quando se trata por exemplo [...] de um problema de internação.* (DID REC 131)
- d) *Em custos demasiadamente elevados... para o... o público ou para a coletividade... ou a grande massa como nós... chamamos habitualmente.* (DID REC 131)
- e) *Bom... eu exijo sempre a salada... ahn... verdura... isso... diariamente* (D2 POA 291)
- f) *A gente se encontra sempre todos os meses nesse jantar com os amigos.* (DID POA 45)
- g) *É a nossa opinião... é que as pessoas... ao... ao comerem ou ao saborearem um prato fiquem sempre perguntando como é... como foi feito.* (D2 POA 291)
- h) *Ele é:: presidente lá da aaampa [...] está sempre sonhando naquilo lá.* (DID POA 45)
- i) *O de laboratório é mais válido João... sempre que você pode fazer.* (EF REC 337)
- j) *Embora não tenhamos a lista... que vocês são... no total cinquenta e um... quer dizer sempre tá faltando... não é um pouco.* (EF REC 337)
- k) *Tem os amigos às vezes a gente dá uma fugidinha até a casa deles bater um papinho assim né?* (DID POa 45)
- l) *Isso a gente vai de vez em quando.* (DID POA 45)
- m) *Tu viajas deixa o apartamento e muitas vezes essa segurança também pifa.* (D2 POA 291)
- n) *Tanto assim que os próprios exemplos dados por Bloom na bibliografia específica muitas vezes eles se repetem.* (EF POA 278)
- o) *Se usa muito o termo extrapolação.* (EF POA 278)

Em (41k), estou postulando a omissão de vezes no Núcleo do sintagma nominal cujo Especificador é muito, mas é evidente que não se exclui uma predicação intensificadora, provocada pela polifuncionalidade do item muito: Castilho (2003c).

O mecanismo de quantificação da predicação por meio de advérbios e de adverbiais não difere da quantificação do sintagma nominal sujeito, examinada anteriormente. Assim, alguns advérbios selecionam a totalidade dos indivíduos desse conjunto (muitas vezes, toda vez), parte deles (poucas vezes, às vezes, inúmeras vezes, várias vezes, algumas vezes). A quantificação partitiva se acentua naqueles casos em que antes de vezes aparece a preposição de, como em a maior parte das vezes, a menor parte das vezes, uma porção de vezes.

(b) Iteração /específica/

A quantificação aspectualizadora específica é gerada por adverbiais temporais formados por um sintagma preposicional quantificado, cujo Núcleo é frequentemente omitido, e cujo Complementador nominal tem por referente “intervalos de tempo”:

(42)

- a) *Todo mês nós jantamos fora.*
- b) *Cada três meses nós jantamos fora.*
- c) *Ele já ia à escola de manhã porque eles dormem sete e meia e acordam seis e meia... é o horário normal deles. (D2 SP 360)*

Em (42a), o falante transitou de uma repetição não específica (= encontrar-se sempre com os amigos) para uma repetição específica (= encontrar-se todos os meses com os amigos).

#### 7.4. Iteração e padrão sentencial

Os dados mostram que o padrão sentencial é outro fator de quantificação do verbo, gerando-se o significado iterativo. Encontramos aqui pelo menos três padrões: (i) as aditivas em polissíndeto de (63a), (ii) as condicionais-temporais de (63b) a (63d), e (iii) as temporais-proporcionais de (63e) e (63f):

(63)

- a) *Os rapazes be::rram e berram porque to/... na sua maioria são pais de família então be::rram e vo::tam e fa::lam e acontecem... e as mulheres [...] são meio ausentes na hora de lutar. (D2 SP 360)*
- b) *E vejam que eu sempre que eu tou falando eu me refiro aos autores porque nós estamos seguindo uma posição. (EF POA 278)*
- c) *Quando é que o aluno utiliza ou trabalha naquela categoria conhecimento? quando ele evoca... quando ele enumera... quando ele... (EF POA 291)*
- d) *Prende-se ao fato de que os autores dizem que quando o aluno interpreta ela já faz um exame na interpretação já há uma subdivisão já há um processo seria melhor dito já há um processo de análise já há um exame quando ele identifica a aplicação ele já separa o essencial do acessório. (EF POA 278)*
- e) *Enquanto houver concursados:: [...] vão sendo chamados. (D2 SP 360)*
- f) *Na medida que vai chegando na altura da pirâmide o problema de idade vai diminuindo. (D2 SP 360)*

No exemplo (63d), a interpretação iterativa permanece qualquer que seja a perspectiva temporal, o que mostra uma vez mais a independência do aspecto em relação ao tempo:

(63')

- d') *quando o aluno interpretar ele já fará um exame.*
- d'') *quando o aluno interpretou ele já fez um exame.*
- d''') *quando o aluno interpretava ele já fazia um exame.*

Rodolfo Ilari (com. pessoal) mostra que um contraexemplo seria

(64) *Quando Mário se irritou, ele estava influenciado pela fofoca dos vizinhos.*

de interpretação semelfactiva. Aparentemente, uma interpretação iterativa só é possível quando o tempo verbal da sentença condicional-temporal é o mesmo do da sentença principal, como em nossos exemplos (63). Diferindo esses tempos, bloqueia-se a iteração, fenômeno que teria de ser explicado, e que se comprova por (64a), cujos verbos vêm no mesmo tempo verbal:

(64a) *Quando Mário se irrita, ele está influenciado pela fofoca dos vizinhos.*

## 7.5. Iteração e articulação discursiva

A iteratividade imperfectiva e perfectiva é favorecida pelas narrativas de eventos habituais e pelos discursos argumentativos em que se fazem:

(65)

a) *O meu marido todos os meses ele vai pra Caxias ele faz a praça lá de Caxias né então eu aproveito e vou junto o dia que eu não tenho aluno ele sempre vai num dia que eu não tenho aluno mesmo [...] eu sempre vou a Caxias.* (DID POA 45)

b) *Já estou por aqui tomo um lanche e depois já vou para a aula né? (e lá assim para as) dez e vinte mais ou menos já estamos saindo felizes descansados e tal.* (D2 SP 62)

Iris Gardino (com. pessoal) notou que os conectivos textuais encadeadores de evento, como *então*, *aí* e *agora*, aparecem nesses exemplos, configurando a articulação discursiva a que venho me referindo:

(66) *quando não é dia do meu marido ir para a faculdade... eu fico por Pinheiros e volto para casa... agora em dois dias da semana eu levo faculdade também... não é? [...] e depois volto [...] mas chego já apronto o outro [...] e fico naquelas lides domésticas [...] e: uma coisa e outra... e:: agora à tarde vão dois para a escola mas... tem ativi/ [...] então é um corre-corre realmente... não é? agora eu assumi também uma secretaria da APM...* (D2 SP 360)

Em suma, a hipótese que anima esta descrição do aspecto no português falado se fundamenta no caráter composicional dessa propriedade da predicação. Aplicada essa hipótese, aprende-se o seguinte:

(1) Papel do Léxico e da Semântica

Verbos atélicos favorecem o imperfectivo, e verbos télicos favorecem o perfectivo, predominando numericamente aqueles sobre estes.

A classe acional do verbo, decisiva na emergência do imperfectivo e do perfectivo, não é fator importante para o iterativo, salvo se o verbo vier sufixado por *-itar* e *-ejar*.

## (2) Papel da Gramática: a flexão e as perífrases

O imperfeito do indicativo e o gerúndio encerram traços de /duração/ mais fortes que as outras formas verbais, transformando-se em codificadores altamente frequentes do imperfectivo.

O presente e o pretérito perfeito simples são mais dependentes de adjuntos para codificar o aspecto; será necessário desenvolver uma reflexão mais detalhada sobre as combinações-classe acional-flexão, para o que o livro-resenha de Koefoed (1979, p. 125-139) apresenta interessantes indicações.

As perífrases de gerúndio, além de mais numerosas, são as mais inclinadas a expressar o imperfectivo, com grande predominância do papel lexical do verbo pleno, ou verbo auxiliado, nesse processo. As perífrases de valor iterativo são mais dependentes dos arranjos sintáticos e do contexto que excede a sentença. Por outro lado, pode-se propor que o presente, o imperfeito e o pretérito perfeito composto são “flexões aspectualmente não específicas”, pois predominam nas expressões iterativas, o que não parece ser o caso das “flexões aspectualmente específicas”, como o pretérito perfeito simples e o pretérito mais-que-perfeito.

## (3) Papel da Gramática: os argumentos e os adjuntos quantificados

Argumentos no singular favorecem o semelfactivo, enquanto argumentos pluralizados favorecem o iterativo.

Argumentos verbais /não específicos/ favorecem o iterativo, ao passo que os /específicos/ favorecem mais o imperfectivo e o perfectivo.

Adjuntos adverbiais qualificadores durativos favorecem a emergência do imperfectivo, e os pontuais, do perfectivo, ao passo que os adjuntos adverbiais quantificadores favorecem o iterativo.

## (4) Papel do discurso

Narrativas favorecem o imperfectivo e o perfectivo.

Textos argumentativos com generalizações favorecem o iterativo.

## | Conclusões

Descrevi neste ensaio a categoria de aspecto verbal no Português Brasileiro falado culto, entendendo-o como uma das manifestações da categoria cognitiva de MOVIMENTO.

Como o aspecto verbal não dispõe de morfologia própria nessa língua, foi necessário procurar seus traços na combinação da raiz do verbo com as flexões temporais em que ele vem conjugado, ao que se somou a presença de adjuntos adverbiais e o tipo sentencial.

O quadro encontrado não difere muito o aspecto verbal do Português Brasileiro daquele de outras línguas românicas.

## | Referências

ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, Â. C. S. (org.). **Gramática do Português Falado**, vol. VIII: novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas / Fapesp, 2002.

ABAURRE, M. B. (org.). **A Construção fonológica da palavra**. Gramática do Português Culto Falado no Brasil, vol. VII. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

ALMEIDA, J. de. **Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo**. Assis: Instituto de Letras, História e Pedagogia de Assis / HUCITEC, 1973/1980.

BALLY, C. **Traité de stylistique française**. Genève: George & Cie, 1951.

BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana**. Santiago: Universidad de Chile, 1883.

BLANCHE-BENVENISTE, C. *et al.* **Des grilles pour le français parlé. Recherches sur le français parlé**, v. 2, p. 163-205, 1979.

BLANCHE-BENVENISTE, C. *et al.* **Pronom et syntaxe**. L'approche pronominale et son application à la langue française. Paris: Selaf, 1984.

BLANCHE-BENVENISTE, C. La dénomination dans le français parlé: une interprétation para les répétitions et les hésitations. **Recherches sur le français parlé**, v. 6, p. 109-130, 1985.

BLANCHE-BENVENISTE, C. L'oralité. **Boletim de Filologia**, v. 31, p. 87-95, 1986.

BLANCHE-BENVENISTE, C. **Commentaires sur le passif en français. Travaux**, v. 2: Le passif. Aix-en-Provence: Cercle Linguistique d'Aix-en-Provence, 1987.

BLANCHE-BENVENISTE, C. (ed.). **Le Français parlé: études grammaticales**. Paris: CNRS, 1990.

BLANCHE-BENVENISTE, C. Répétitions lexicales. *In*: BLANCHE-BENVENISTE, C. (ed.). **Le Français parlé: études grammaticales**. Paris: CNRS, 1990. p. 176-180.

BLANCHE-BENVENISTE, C. **Approches de la langue parlée en français**. Paris: Ophrys (Collection L'Essentiel Français), 1997.

BERRUTO, G. **Per una caratterizzazione del parlato: l'italiano parlato ha un'altra grammatica?** *In*: HOLTUS, G.; RADTKE, E. (org.) [*S. l.*], 1985a. p. 120-153.

BERRUTO, G. **'Dislocazioni a sinistra' e 'grammatica' dell'italiano parlato**. *In*: DE BELLIS, A. F.; SAVOIA, L. M. (org.) [*S. l.*], 1985b. p. 59-83.

BULL, W. **Time, tense and verb**. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 1960.

CALLOU, D. I. (org.). **A Linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro**. Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/FJB, 1992. vol. I, Elocuções Formais.

CALLOU, D. I.; LOPES, C. R. (org.). **A Linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro**. Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES, 1993. vol. II, Diálogo entre Informante e Documentador.

CALLOU, D. I.; LOPES, C. R. (org.). **A Linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro**. Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES, 1994. vol. III, Diálogos entre dois informantes.

CASTILHO, A. T. de. Estruturalismo, história e aspecto verbal. **Alfa**, v. 4, p. 138-166, 1963.

CASTILHO, A. T. de. **A Sintaxe do verbo e os tempos do passado em Português**. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Coleção Estudos), 1967.

CASTILHO, A. T. de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal no português**. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.

CASTILHO, A. T. de (org.) **Projeto de estudo da norma linguística urbana culta no Brasil**. Marília: Conselho Municipal de Cultura, 1970.

- CASTILHO, A. T. de. Sur l'aspect verbal en portugais. **Revue Roumaine de Linguistique**, v. 15, p. 247-249, 1970.
- CASTILHO, A. T. de. A dimensão textual do verbo. **Estudos Linguísticos**, v. 2, p. 3-10, 1978c.
- CASTILHO, A. T. de. **O Projeto NURC e a sintaxe do verbo**. In: BORBA, F. S. (org.) [S. l.], 1981a. p. 269-288.
- CASTILHO, A. T. de. El proyecto de estudio coordinado de la norma culta: Formalismo y semanticismo en la sintaxis verbal. In: SOLÁ, D. F. (ed.). **Language in the Americas**. Proceedings in the Ninth PILEI Symposium. Ithaca: Cornell University, 1984a. p. 161-175.
- CASTILHO, A. T. de. Ainda o aspecto verbal. **Estudos Portugueses e Africanos**, v. 4, p. 8-34, 1984b.
- CASTILHO, A. T. de. O Presente do indicativo na oração e no texto. **Actas del VII Congreso Internacional de ALFAL**. Santo Domingo: Universidad Nacional Pedro Henríquez Ureña, 1987. vol. I. p. 389-404.
- CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. (org.). **A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. I, Elocuções Formais, 1986.
- CASTILHO, A. T. de; PRETI, A. (org.). **A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. II, Diálogos entre dois informantes, 1987.
- CASTILHO, A. T. de (org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- CASTILHO, A. T. de. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. **Alfa**, v. 38, p. 75-96, 1994b.
- CASTILHO, A. T. de. A língua falada e sua descrição. In: **Para Segismundo Spina: Língua, Filologia, Literatura**. São Paulo: Edusp/Iluminuras, 1995a. p. 69-90.
- CASTILHO, A. T. de. Para uma gramática do português falado. In: PEREIRA, C.; PEREIRA, P. (org.). [S. l.], 1995b. p. 79-102.
- CASTILHO, A. T. de. Langue parlée et processus grammaticaux. In: BILGER, M.; VAN DEN EYNDE, K.; GADET, F. (ed.). **Analyse linguistique et approches de l'oral**. Recueil d'études offerts em hommage à Claire Blanche-Benveniste. Paris / Leuven: Peeters, 1998c. p. 141-148.

- CASTILHO, A. T. de (org.). **Gramática do português falado**, vol. I, A ordem. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp, 2002 [1990].
- CASTILHO, A. T. de. **A Predicação adverbial no português falado**. 1993. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993a.
- CASTILHO, A. T. de. Os mostrativos no português falado. *In*: CASTILHO, A. T. de (org.). [S. l.], 1993b. p. 119-148.
- CASTILHO, A. T. de. Portuguese. **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Edinburgh: Pergamon Press, 1993c.
- CASTILHO, A. T. de. Problemas de descrição da língua falada. **D.E.L.T.A.**, v. 10, n. 1, p. 47-71, 1994a.
- CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. (org.). **Gramática do português falado**, vol. IV, Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas/FAPESP, 1996 / 2002.
- CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. **Estudos linguísticos e literários**, v. 19, p. 25-63, 1997a.
- CASTILHO, A. T. de. Língua falada e gramaticalização: o caso de mas. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 1, p. 107-120, 1997b.
- CASTILHO, A. T. de. Para uma sintaxe da repetição: Língua falada e gramaticalização. **Língua e Literatura**, v. 22, p. 293-332, 1997c.
- CASTILHO, A. T. de. **A Língua falada no ensino do português**. São Paulo: Editora Contexto, 1998a / 2014.
- CASTILHO, A. T. de (org.). **Historiando o Português Brasileiro**: História das línguas: variedades, gramaticalização, discursos. Relatório apresentado no Seminário “Aspectos sincrônicos e diacrônicos do Português Brasileiro”. Blaubeuren: Tuebingen Universitaet, 2003. Disponível em: [www.mundoalfal.org/projetodehistoriadoportuguesbrasileiro](http://www.mundoalfal.org/projetodehistoriadoportuguesbrasileiro). Acesso em: 07 abr. 2025.
- COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- DE MAURO, T. *et al.* Il lessico di frequenza dell’italiano parlato: LIP. *In*: MORETTI, B.; PETRINI, D.; BIANCONI, S. (org.). **Linee di tendenza dell’Italiano contemporaneo**. Roma: Bulzoni / Società di Linguistica Italiana, 1992. p. 83-118.

- DE MAURO, T. *et al.* (org.). **Come parlano gli italiani**. Firenze: La Nuova Italia, 1994.
- DIETRICH, W. **El aspecto verbal perifrástico en las lenguas románicas**. Madrid: Gredos, 1973.
- DIEZ, F. **Grammaire des langues romanes**. Paris: F. Vieweg Libraire Éditeur, 1876.
- DURANTI, A.; OCHS, E. 'La pipa la fumi?': Uno studio sulla dislocazione a sinistre nelle conversazioni. **Studi di grammatica italiana**, v. 8, p. 269-302, 1979a.
- DURANTI, A.; OCHS, E. Left-dislocation in Italian conversation. *In*: GIVÓN, T. (ed.). [S. l.], 1979b. p. 377-416.
- GAREY, H. Verbal aspect in French. **Language**, v. 33, n. 2, p. 91-110, 1957.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. From cognition to grammar: Evidence from African languages. *In*: TRAUOGOTT, E.; HEINE, B. (org.). [S. l.], 1991. Vol. I, p. 149-188.
- HILGERT, J. G. **A paráfrase**: um procedimento de constituição do diálogo. 1989. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. *In*: CASTILHO, A. T. de (org.). [S. l.], 1991. p. 63-142.
- ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado**, vol. II, Níveis de Análise. [S. l.]: [s. n.], 1992/2002.
- ILARI, R. Pela primeira vez e suas complicações sintático-semânticas. **D.E.L.T.A.**, v. 14, p. 133-153, 1998.
- ILARI, R. Notas para uma semântica do passado composto em português. *In*: **Actas do Congresso Internacional organizado por motivo dos vinte anos do Português no ensino superior**. Budapeste: Faculdade de Letras da Universidade Eötvös Loránd, 1999. p. 224-247.
- ILARI, R. **Palavras de classe aberta**. Gramática do Português Culto Falado no Brasil, vol. 3. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- ILARI, R. **Palavras de classe fechada**. Gramática do Português Culto Falado no Brasil, vol. 4. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- JESPERSEN, O. **The Philosophy of Grammar**. London: Allen & Unwin, 1924/1971.

JUBRAN, C. C. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. vol. I, Construção do texto falado

JUBRAN, C. C. S. Tópico Discursivo. *In*: JUBRAN, C. C. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a. p. 89-132. vol. I.

JUBRAN, C. C. S. Parentetização. *In*: JUBRAN, C. C. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b. p. 301-358. vol. I.

JUBRAN, C. C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Editora Contexto, vol. 1 da Gramática do Português Falado, 2015.

KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. vol. 3, A Construção da Sentença.

LOPE-BLANCH, J. M. Proyecto de estudo del habla culta de las principais ciudades de Hispanoamérica. *In*: **El Simposio de Bloomington**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1964/1967. p. 255-266.

LOPE BLANCH, J. M. (org.). **Estudios sobre el español hablado**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1982.

LOPE-BLANCH, J. M. **El estudio del español hablado**: Historia de um projeto. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1986.

MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.). **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MOTA, J.; ROLLEMBERG, V. (org.). **A linguagem falada culta na cidade de Salvador**. Materiais para seu estudo. Salvador: Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, vol. I, 1994.

NASCIMENTO, M.; OLIVEIRA, M. A. de. Texto e hipertexto: referência e rede no processamento discursivo. *In*: NEGRI, L. *et al.* (org.). [S. l.], 2004. p. 285-299.

NENCIONI, G. **Di scritto e di parlato**: Discorsi linguistici. Bologna: Zanichelli, 1983.

NEVES, M. H. de M. (org.). **Gramática do português falado**, vol. VII. São Paulo / Campinas: Humanitas / Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

NEVES, M. H. de M. (org.). **A construção de orações complexas**. Gramática do Português Culto Falado no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2016. vol. V.

OLIVEIRA, G. M. de. Políticas linguísticas no Brasil Meridional. *In: Políticas Linguísticas para América Latina*. Actas del Congreso Internacional. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1999. vol. 2, p. 405-416.

OLIVEIRA, M. B. de; OLIVEIRA, M. K. (org.). **Investigações cognitivas**: Conceitos, linguagem e cultura. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Padrões Sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Linguístico, 1996.

PAIVA, M. da C. (org.). **Amostras do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro / CAPES, 1999.

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. (org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contracapa / Faperj, 2003.

PARISI, D.; CASTELFRANCHI, C. Scritto e parlato. **Studi di grammatica italiana**, v. 6, p. 169-190, 1977.

PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. (coord.). **Abordagem diacrônica dos processos de construção textual no Português Brasileiro**, vol. 8 da série História do Português Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

PRETI, D.; URBANO, H. (org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. III, 1989.

PRETI, D.; URBANO, H. (org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. IV, Estudos, 1990.

RODRIGUES, Â. C. S.; ALVES, I. M. (org.). **A construção morfológica da palavra**. Gramática do Português Culto Falado no Brasil, vol. 6. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). **Português brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras / Faperj, vol. I, 2003.

SÁ, M. P. M. *et al.* (org.). **A Linguagem falada culta na cidade do Recife**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1996. vol. I.

SÁ, M. P. M. *et al.* (org.). **A Linguagem falada culta na cidade do Recife**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2005. vol. 2.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A symplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language**, v. 50, p. 696-735, 1974. Tradução para o português: Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Veredas. Revista de Estudos Linguísticos**, v. 7, n. 1, p. 9-73, 2003.

SOARES, M. A. B. P. **A semântica do aspecto verbal em russo e em português**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coleção Teses, 1987.

SORNICOLA, R. **Sul parlato**. Bologna: Il Mulino, 1981.

SORNICOLA, R. L'italiano parlato: un'altra grammatica? *In*: **La Lingua Italiana in Movimento**. Firenze: presso l'Accademia, p. 79-98, 1982.

SORNICOLA, R. Il parlato: fra diacronia e sincronia. *In*: HOLTUS, G.; RADTKE, E. (org.). *[S. l.]*, p. 2-23, 1985.

SORNICOLA, R. Quattro dimensioni nello studio del parlato. *In*: DE MAURO, T. *et al.* (org.). *[S. l.]*, p. 111-130, 1994.

SPITZER, C. **Dicionário analógico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro / Porto Alegre / São Paulo: Editora Globo, 1936/1955.

STEN, H. **Les particularités de la langue portugaise**. Copenhague: Einar Munksgaard, 1944.

STEN, H. **Les temps du verbe fini (Indicatif) en français moderne**. Kobenhavn: Det Kongelige Danske Videnskabernes Selkab, 1953.

TRAVAGLIA, L. C. **O Aspecto verbal no português**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1981.

VERKUYL, H. J. **On the compositional nature of the aspects**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co, 1972.

VOGT, C. **O intervalo semântico**. São Paulo: Editora Ática, 1977.

VOSSLER, K. **Filosofía del Lenguaje**. Buenos Aires: Hachette, 1943.

**Como citar este trabalho:**

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Português Brasileiro falado, abordagem multissistêmica e aspecto verbal. **Revista do GEL**, v. 22, n. 2, p. 66-110, 2025. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>. Submetido em: 07/01/2026 | Aceito em: 28/02/2026.

Submetido em: 14/10/2025 | Aceito em: 07/01/2026.